

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
WELERTON CESAR AGUAYO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UM
CENTRO ESPECIALIZADO EM GERONTOLOGIA NO OESTE DO
PARANÁ.**

CASCABEL

2017.1

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
WELERTON CESAR AGUAYO**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UM
CENTRO ESPECIALIZADO EM GERONTOLOGIA NO OESTE DO
PARANÁ.**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professora Orientadora: Arquiteta e Urbanista
Sandra M. Mattei Cardoso

CASCADEL

2017.1

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
WELERTON CESAR AGUAYO**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UM
CENTRO ESPECIALIZADO EM GERONTOLOGIA NO OESTE DO
PARANÁ.**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Especialista Sandra Magda Mattei Cardoso.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Orientador(a)
Sandra Magda Mattei Cardoso
Centro Universitário Assis Gurgacz
Arquiteta e Urbanista Especialista

Professor(a) Avaliador(a)
Renata Esser de Souza
Centro Universitário Assis Gurgacz

Cascavel/PR, 28 de Maio de 2017.1

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

RESUMO

O presente trabalho insere-se no grupo de pesquisas de Arquitetura e Urbanismo, dentro do grupo de pesquisa Intervenção na Paisagem Urbana. O assunto desta pesquisa caminha sobre as vertentes da Arquitetura gerontológica, inclusiva e humanizadora, tendo como tema o desenvolvimento de uma proposta arquitetônica que compreenda e atenda às necessidades fisiológicas, psicológicas e de auto realização da terceira idade, almejando a conquista de uma velhice digna para todos os idosos. Cascavel é uma cidade de grande relevância para o estado do Paraná. Atualmente é apontada como a capital regional do Oeste do Paraná, com a quinta maior população do estado e, na qual aproximadamente 10% da população é idosa. A escolha por este tema de pesquisa se justifica pela carência de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná, que compreenda e atenda as verdadeiras necessidades da terceira idade. As perguntas que se espera responder com este estudo são: A arquitetura pode efetivamente contribuir para melhoria de vida dos idosos? Quais artifícios podem ser utilizados para que esse propósito seja alcançado? A partir do problema, trabalha-se com a hipótese de que a utilização de uma arquitetura inclusiva e humanizadora promove efetivamente a melhoria de vida dos idosos. O objetivo geral deste estudo é elaborar uma proposta projetual de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná. A busca de informações e coleta de dados para este trabalho se deu através de revisão bibliográfica, web gráfica, artigos científicos, relatos jornalísticos e pesquisas de campo, fornecendo o embasamento necessário para o desenvolvimento do projeto de um centro especializado em gerontologia no oeste do Paraná.

Palavras chave: Qualidade de vida. Terceira idade. Idoso. Arquitetura Inclusiva. Paisagismo. Cascavel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada frontal do De Hogeweyk.....	26
Figura 2 - Planta baixa da vila De Hogeweyk.....	26
Figura 3 - Teatro.....	26
Figura 4 - Supermercado.....	26
Figura 5 - Clínica de fisioterapia e salão de beleza.....	26
Figura 6 - Paisagismo.....	26
Figura 7 - Vegetação.....	26
Figura 8 - Tabuleiro de xadrez.....	26
Figura 9 - Fonte da praça principal.....	26
Figura 10 - Mobiliário.....	26
Figura 11 - Mobiliário da praça central.....	26
Figura 12 - Saguão de acesso.....	26
Figura 13 - Recepção.....	26
Figura 14 - Via interna principal.....	26
Figura 15 - Diferentes estilos de moradia.....	26
Figura 16 - Vista da passarela.....	26
Figura 17 - Entrada Dormitório.....	26
Figura 18 - Implantação.....	26
Figura 19 - Perspectiva.....	26
Figura 20 – Circulação.....	26
Figura 21 – Espaço de Passagem.....	26
Figura 22 – Mapa do Paraná.....	26
Figura 23: Imagem de Satélite, com destaque para o terreno.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento constitui um processo biológico inevitável, marcado por uma perda progressiva de funções sensoriais e motoras e, logo, pela maior vulnerabilidade às doenças, as quais podem afetar a funcionalidade, a mobilidade e a independência, limitando a tão desejada velhice saudável e autônoma (LOBO; SANTOS; GOMES, 2014).

A população brasileira vem envelhecendo de forma rápida desde o início da década de 60, quando a queda das taxas de fecundidade começou a alterar sua estrutura etária, estreitando progressivamente a base da pirâmide populacional (CHAIMOWICZ, 1997). No ranking mundial dos países com as maiores populações de idosos, o Brasil deverá passar da 16ª posição em 1960, para a sétima em 2025. Entre 2000 e 2020 a proporção de idosos com 65 anos ou mais passará de 5% para 10%. A expectativa de vida dos homens ultrapassará os 70 anos e a das mulheres os 76 anos. Em 2050, 38 milhões de brasileiros, ou seja, 18% da população, terão mais de 65 anos (CHAIMOWICZ, 2013).

Sob este panorama, espera-se um aumento expressivo no número de idosos demandantes de cuidados e uma redução na oferta de cuidadores familiares, tanto pela baixa fecundidade desse “novo grupo de idosos”, quanto pelo nível de dependência, falta de tempo e até mesmo pelo próprio abandono por parte dos familiares, situações estas em que a institucionalização do idoso se faz necessária (TIER; FONTANA e SOARES, 2004). Contudo, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada cerca de 71% dos municípios ainda não possuem instituições para idosos (IPEA, 2011), o que justifica a criação de novos centros especializados em gerontologia.

Cascavel é uma cidade de grande relevância para o estado do Paraná, em vista da sua crescente expansão demográfica e econômica, sendo a quinta cidade mais populosa do estado, com cerca de 316 mil habitantes e dos quais 30.000 são idosos, o que representa cerca de 9,5% da população (IPARDES, 2010). Atualmente, é apontada como a capital regional do Oeste do Paraná, estando localizada em um pólo estratégico da região Oeste e do Mercosul, possuindo o sexto maior PIB do estado e apenas cinco instituições de acolhimento ao idoso.

No entanto, uma velhice digna não está somente pautada na alocação do idoso em uma instituição de longa permanência. Uma série de estudos vem propondo que o aumento da longevidade, ou seja, da expectativa de vida, é diretamente dependente da qualidade de vida dos idosos. A avaliação da qualidade de vida dos idosos implica na adoção de múltiplos critérios de natureza biológica, psicológica e sócio estrutural, pois vários elementos são

apontados como determinantes ou indicadores de bem-estar na velhice, sendo eles: longevidade, saúde biológica e mental, satisfação, controle cognitivo, competência social, produtividade, atividade, eficácia cognitiva, status social, renda, continuidade de papéis familiares, ocupacionais e de relações informais com amigos (NERI, 1993).

Nesse sentido, a lacuna de conhecimento que este estudo visa preencher é identificar se uma arquitetura inclusiva e humanizadora pode efetivamente contribuir para melhoria de vida dos idosos, refletindo no aumento da longevidade dos mesmos. Em adição, a escolha por este tema de pesquisa se justifica pela carência de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná, que compreenda e atenda as verdadeiras necessidades da terceira idade.

O assunto desta pesquisa caminha sobre as vertentes da Arquitetura gerontológica, inclusiva e humanizadora, tendo como tema o desenvolvimento de uma proposta arquitetônica que compreenda e atenda às necessidades fisiológicas, psicológicas e de auto realização da terceira idade, almejando a conquista de uma velhice digna para todos os idosos. O assunto está inserido na linha de pesquisa arquitetura e urbanismo, dentro do grupo de pesquisa INPAI-Intervenção na Paisagem Urbana.

JUSTIFICATIVA

O número de idosos no mundo cresce exponencialmente. Sob este panorama, espera-se um aumento expressivo no número de idosos demandantes de cuidados e uma redução na oferta de cuidadores familiares, tanto pela baixa fecundidade desse “novo grupo de idosos”, quanto pelo nível de dependência, falta de tempo e até mesmo pelo próprio abandono por parte dos familiares, situações estas em que a institucionalização do idoso se faz necessária (TIER; FONTANA e SOARES, 2004). Contudo, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada cerca de 71% dos municípios ainda não possuem instituições para idosos (IPEA, 2011), o que justifica a criação de novos centros especializados em gerontologia.

No entanto, uma velhice digna não está somente pautada na alocação do idoso em uma instituição de longa permanência. Uma série de estudos vem propondo que o aumento da longevidade, ou seja, da expectativa de vida, é diretamente dependente da qualidade de vida dos idosos. Além disso, é de fundamental importância a produção de uma arquitetura capaz de proporcionar as condições físicas e mentais necessárias para os usuários, funcionários e acompanhantes, dos centros de cuidado ao idoso, resultando em espaços acolhedores, humanos e resolutivos. Nesse sentido, a escolha por este tema de pesquisa se justifica pela

carência de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná, que compreenda e atenda as verdadeiras necessidades da terceira idade.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

As perguntas que se espera responder com este estudo são:

- A arquitetura pode efetivamente contribuir para melhoria de vida dos idosos?
- Quais artifícios podem ser utilizados para que esse propósito seja alcançado?

FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

A partir do problema, trabalha-se com a hipótese de que a utilização de uma arquitetura inclusiva e humanizadora promove efetivamente a melhoria de vida dos idosos.

OBJETIVO GERAL

Elaborar uma proposta projetual de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná..

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar um levantamento teórico referente ao assunto;
- Analisar correlatos pertinentes ao tema;
- Elaborar um programa de necessidades adequado;
- Oferecer infraestrutura adequada e segura para o desenvolvimento das atividades;
- Promover o bem-estar físico e mental através da criação de áreas de convívio e socialização entre os idosos;
- Trabalhar a integração dos ambientes com as áreas verdes e dinamizar as áreas externas de lazer e contemplação;
- Desenvolver o projeto arquitetônico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Espaços projetados para idosos podem ter mudanças objetivas, relacionadas a adaptações concretas nos ambientes e que proporcionam maior segurança e autonomia, quanto subjetivas, ligadas à estética e afeto, originando sensação de alegria e bem-estar ao usuário. Porém, ambientes adaptados podem causar resistência para a aceitação do idoso, por isso os espaços devem ser bem planejados pelos arquitetos, unindo a forma e a função, proporcionando ambientes com conforto, segurança, estética e acessibilidade (KAUFMAN, 2012).

Na realidade, porém, o que ocorre é que os indivíduos que desenvolveram limitações naturais ao longo da vida são obrigados a desempenhar as tarefas cotidianas em ambientes inadequados, com dificuldade e em detrimento do conforto, segurança e satisfação, muitas vezes colocando em risco a sua integridade física. “Do mesmo modo que as pessoas com deficiência, os idosos vivem inúmeras situações de insegurança e de risco em suas moradias, relacionadas a projetos inadequados ou omissos” (CAMBIAGHI, 2007).

Dito isso, considera-se que o envelhecimento da população deveria fazer parte de um plano de desenvolvimento socioeconômico no qual profissionais de diversas áreas pudessem atuar, objetivando melhorar a qualidade de vida da população idosa nas cidades, visto que é primordial respeitar e atender as necessidades específicas das pessoas idosas, para lhes permitir condições dignas de vivência nos seus aspectos físicos, econômicos e psicossociais (NERI, 2003).

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A Pesquisa científica visa conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica. O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano. Na vida acadêmica, a pesquisa é um exercício que permite despertar o espírito de investigação diante dos trabalhos e problemas sugeridos ou propostos pelos professores e orientadores (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 49).

Desse modo, a elaboração da proposta procedeu-se por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, websites, teses, legislação vigente e projetos de correlatos, proporcionando

todo o embasamento teórico para o desenvolvimento de um centro de referência no cuidado ao idoso no Oeste do Paraná.

A pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde websites, boletins, jornais, revistas, livros, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, sejam impressos ou via eletrônico etc., até meios de comunicação orais: rádios, gravações em fita magnética a audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pensador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas, quer gravadas. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 183).

2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

Este capítulo aborda os pilares da arquitetura, dentro dos quais são abordados temas que irão se relacionar com o objetivo proposto neste trabalho.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

No campo da produção da arquitetura, no qual se pretende também a formalização de uma entidade nova, o processo é diferente. Não há possibilidade de testar o edifício antes de entregá-lo aos usuários. Dado um determinado contexto programático, concebe-se um projeto que é convertido em objeto, na sua versão única e definitiva. A avaliação do desempenho da obra arquitetônica é feita diretamente sobre o produto final, e é realizada pelos destinatários finais. O papel da teoria é justamente este: em primeiro lugar, dar uma estrutura organizada ao conhecimento disponível, isto é, auferido através da experiência histórica com o concreto, e, em segundo lugar, fornecer um conhecimento já sistematizado para aqueles que não têm experiência anterior (KIEFFER; LIMA; MAGLIA, 2001).

Definido o objeto da arquitetura como sendo a produção do espaço, surge a questão de saber de que espaço se trata, quais suas espécies, suas delimitações, para a seguir ser possível indagar de seus respectivos sentidos (operações estas, aliás, intimamente ligadas). A primeira noção da importância fundamental que se extrai desses estudos é a que diz respeito aos diferentes usos que se faz de um certo espaço e os diferentes sentidos que se atribuem a esses espaços conforme a cultura (o grupo social em questão) e a época (COELHO, 1999).

Segundo Colin (2000), beleza, palavra que hoje hesitamos em usar, refere-se às preocupações estéticas que devemos ter ao projetar e construir: em arquitetura não se trata apenas de edificar algo sólido, de boa técnica e com materiais de qualidade, e que abrigue corretamente os usos a que se destina; é preciso nos incitar a contemplação e a fruição. O primeiro passo para este conhecimento será o estabelecimento de categorias que nos permitam uma primeira caracterização. Estas categorias poderão ser expressas por polaridades, que não somente ensejam uma descrição, mas também se abrem a possibilidade de uma intervenção poética. As principais polaridades de que falamos referem-se às relações interior/exterior, público/privado, coberto/descoberto, aberto/fechado, livre/restrito, amplo/confinado.

O conceito da forma está ligado a dois outros que lhe são contíguos: um que lhe é anterior, a matéria; outro que lhe é posterior, o conteúdo. Com relação à primeira, forma é a

configuração dada à matéria com a finalidade de obter um objeto individualizado. Em oposição ao segundo, o conteúdo, a forma de um objeto é aquilo que se apresenta aos nossos sentidos imediatamente, antes de qualquer reflexão que possamos ter sobre este objeto; aquilo que podemos ver, tocar, ouvir (COLIN, 2000).

A arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos, e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mais precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior que os homens andam e vivem. A definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é que leva em conta o espaço interior. A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente; a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele. O importante, porém, é estabelecer que tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura. São os homens que vivem os espaços, são as ações que neles se exteriorizam, é a vida física, psicológica, espiritual que decorrem neles. O conteúdo da arquitetura é o seu conteúdo social (ZEVI, 1996).

A arquitetura brasileira contemporânea deriva inteiramente da doutrina funcionalista definida pelos grandes mestres europeus das décadas de 1910-30 e, principalmente, da interpretação pessoal que lhe foi dada por Le Corbusier. Os arquitetos brasileiros deram provas de muita imaginação, mas essa imaginação sempre esteve regulada pela razão; ela se apoiou num sentimento de ordem e equilíbrio, sensível nas criações mais ousadas, bem como nas mais contidas. A arquitetura brasileira é de uma clareza perfeita, compreensível à primeira vista. Sua inspiração geométrica na base de figuras simples é sensível tanto no tratamento dos volumes e das massas quanto no das superfícies (BRUAND, 2005).

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

O contorno característico ou configuração da superfície de uma forma particular. Formato é o principal aspecto através do qual identificamos e classificamos as formas. As formas aditivas resultantes do acréscimo de elementos distintos podem ser caracterizadas pela sua capacidade de crescer e fundir-se a outras formas. Para que percebamos os agrupamentos aditivos com composições unificadas de forma – como figuras em nosso campo visual -, os elementos que se combinam devem entre si de uma maneira corrente. A forma de uma organização linear é inerentemente flexível, podendo responder prontamente às várias

condições de seu terreno. Pode se adaptar a mudanças na topografia, contornar um curso d'água ou arvoredos, ou girar a fim de orientar espaços de modo a captarem a luz do sol e oferecerem uma vista desejada. Pode ser reta, segmentada ou curvilínea. Pode atravessar horizontalmente o seu terreno, descrever diagonalmente um percurso ascendente em um declive ou situar-se verticalmente como uma torre. Os seguintes princípios de ordem são considerados como recursos visuais que permitem que as formas e espaços variados e diversos de um edifício coexistam perceptiva e conceitualmente dentro de um todo ordenado, unificado e harmonioso (CHING, 1998).

Este princípio de crescimento, no qual os organismos adquirem sua forma de acordo com as forças que o circundam, tem uma semelhança com o modo como a força arquitetônica resulta em parte da resolução de um problema particular, mas também das forças características do contexto em que está situada. Edifícios se relacionam com seu entorno da maneira mais positiva, levando em conta fatores tais como uma Vista, a posição do sol ou a proximidade de uma via. Os fatores do lugar, tais como uma Colina ou um vale, um rio ou uma estrada, podem ser considerados como forças e, como tal, atuam direta ou indiretamente sobre a forma. As estruturas pouco tinham que ver com a forma com que se revestiam. Constituíam uma solução tectônica, pura em sua rudeza, destinada a programas humildes que retratava, os conceitos dominantes sobre ensino. Estruturas para aceitar qualquer forma que o enciclopédismo pedisse como manifestação artística (BAKER, 1998).

A habitação é um espaço para morar e exercer uma série de atividades humanas, diferenciado do espaço externo. O arquiteto é o criador da modificação desse espaço, e o faz pensando na satisfação dos desejos do usuário, baseado nos conhecimentos oferecidos pela tecnologia da construção e na sua cultura sobre a estética, a ética e a história. O objetivo do projeto de Arquitetura Bioclimática é prover um ambiente construído com conforto físico, sadio e agradável, adaptado ao clima local, que minimize o consumo de energia convencional e precise da instalação da menor potência elétrica possível, o que também leva à mínima produção de poluição (CORBELLA, 2003).

Ao projetar um ambiente, tome alguns cuidados visando a segurança das pessoas que o utilizarão. A escolha correta de materiais com o objetivo de evitar acidentes é indispensável num bom design. O espaço habitável é composto por duas zonas diretamente relacionadas: zona social e zona privativa, interligadas por elementos de interligação. Crianças, idosos, pessoas com mobilidade reduzida e deficientes físicos pertencem à categoria das pessoas que necessitam de cuidados especiais e, conseqüentemente, um design politicamente correto, que

lhes garanta segurança, conforto e bem-estar. É fundamental a presença de elementos que sobressaíam no contexto geral do projeto. O espaço será muito mais diversificado com centros de interesse que chamem nossa atenção e atraiam nossos olhos. Pode ser uma lareira, uma parede redonda, uma escada de forma particular, uma janela que mostre um jardim, etc. Não é aceitável nenhum tipo de comportamento que desrespeite a natureza. Da limpeza do terreno à utilização dos materiais, devemos ser conscientes e preservar o que ainda nos resta. Um projeto ecologicamente correto deve ser o objetivo principal (GURGEL 2004).

O ser humano percebe o entorno por meio das sensações produzidas em seus sentidos pela excitação dos sistemas receptores destes e pelos estímulos físicos que lhe chegam. Cada estímulo luminoso recebido pode ser separado numa série de características ou atributos psicológicos, como, por exemplo, cor, tamanho, forma, localização, duração, etc. A organização da paisagem no espaço deve ser entendida como resultado de toda a atividade sensorial do homem. A paisagem representa a mediação vital entre o homem e o ambiente. Representa o trâmite entre o homem e o ambiente natural, ao longo de muitos séculos de história (ROMERO 2001).

Ao elaborar um projeto, o paisagista dispõe de elementos construídos e, ou, vegetais, bem como dos sentimentos, para estabelecer um processo de comunicação com os usuários da paisagem a ser construída. E, para trabalhar os sentimentos, ele lança mão de alguns elementos básicos de comunicação visual, tais como a linha, a forma, a textura, e a cor, bem como de princípios de estética. São princípios que se encontram nas mais variadas formas de arte. Diante do exposto, nota-se que o paisagismo pode ser concebido como ciência e arte. E a ciência, por envolver o conhecimento das leis que regem os fenômenos da realidade exterior e interior das paisagens. E também é arte, por se construir numa forma de expressão criadora que atua sobre a sensibilidade humana. Não há projeto de paisagismo sem a definição dos lugares.

Lugar é todo aquele espaço agradável que convida ao encontro das pessoas ou ao nosso próprio encontro. Ele estimula o permanecer e praticar alguma atividade, como descansar, meditar, ler, conversar em grupo, ou simplesmente a admirar o entorno e os elementos da paisagem. Um lugar deve ser sempre agradável e propiciar conforto. Nos dias quentes, deve refrescar com sua sombra; nos frios, aquecer com o sol. E sobretudo deve ter proporção e escala compatíveis com o ser humano. O sucesso do projeto de paisagismo está diretamente relacionado ao atendimento dos desejos e necessidades das pessoas, especialmente no que se refere aos equipamentos e locais para atividades. E para que isso aconteça é fundamental

observar que nem todo mundo é igual e cada faixa etária gosta ou precisa de coisas diferentes. (ABBUD, 2006).

2.3. NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

A luta pela reforma urbana, ao colocar a função social da propriedade e da cidade como a que atende as necessidades da maioria, muda os termos dessa questão. Não há uma doação quando se atende a reivindicação dos trabalhadores, mas uma forma de retribuição do trabalho, da conquista de direitos sócias. Inverte, também, os termos da questão, pois não atribui ao mercado, ao capital, à tecnologia a resolução da degradação ambiental. A luta pela reforma urbana revive estes sonhos ao pensar a construção da cidade enquanto obra de seus moradores. E esta dimensão democrática é essencial para a construção de uma noção de desenvolvimento sustentando que não reafirme os modelos atuais de dominação e regulação social. (GRAZIA, 1993)

Pode caber ao novo espírito de arquitetura, ao urbanismo iminente, satisfazer as mais remotas necessidades humanas, reverdecendo a paisagem urbana e mesclando ao nosso labor a natureza. O fenômeno gigantesco da grande cidade se desenvolverá em alegres áreas verdes. A unidade no detalhe, o “tumulto” magnífico no conjunto, a medida de referência humana e a média proporcional entre o fato homem e o fato natureza. As belezas da arquitetura que nascerão de uma paixão serão colocadas pelo urbanismo nesses locais onde, numa calma voluntária, a surpresa, o espanto, a alegria da descoberta, lhes conferirão o valor que lhes quisermos ter atribuído e o urbanismo logo deixará de ser vago “enjeitado”. O urbanismo será uma das mais delicadas questões colocadas em discussão. Não escaparemos, em breve, às questões delicadas colocadas diariamente pelo urbanismo. (CORBUSIER, 2000).

Um dos indicadores mais expressivos e definitivos da piora nas condições de vida urbana é o aumento da violência a taxas antes nunca vividas pelas metrópoles brasileiras. Construir um espaço de participação social, que dê voz aos que nunca a tiveram, que faça emergir os diferentes interesses sociais (para que a elite tome contato com algo que nunca admitiu: o contraponto) é uma tarefa difícil em um país de tradição autoritária como o Brasil, mas altamente transformadora. A construção de um espaço de convivência e administração de conflitos, formando cidadãos interlocutores sobre os principais problemas da cidade, talvez

seja a tarefa mais importante que um dirigente municipal possa cumprir no atual momento no Brasil. (MARICATO, 2000)

A paisagem humanizada e o ambiente arquitetônico são patrimônios coletivos. Os cidadãos têm direito a viver em ambientes esteticamente qualificados. O direito a qualidade da paisagem e da arquitetura é um direito social e noutro sentido, fundamento da intervenção do arquiteto. A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas. A praça é entendida como um recinto ou lugar especial, e não apenas um vazio na estrutura urbana. É o lugar público, onde se concentram os principais edifícios e monumentos – quadro importante da arte urbana. A praça adquire valor funcional político-social, e também o Máximo valor simbólico e artístico. É a praça o elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano da arquitetura. (LAMAS, 2004)

Facilmente se verifica que um contraste de cores bem conseguido não só põe em evidência a conseqüente harmonia, como também a maior intensidade que daí advém para cada cor. A maneira como se constrói o ambiente é potencialmente, uma das fontes de prazer mais generalizada e mais estimulante. Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação de espaço, as condições que levam a ocupação de determinados locais. O facto de se assinalarem esses locais com elementos de carácter permanente pode contribuir para indicar os tipos de ocupação que existem na cidade e criar um meio-ambiente que não seja fluido em monótono, mas sim estático e equipado. A função essencial de uma cidade deve tornar-se evidente, após uma simples vista de olhos pela planta. (CULLEN, 1983).

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

O comportamento básico de um sistema estrutural não depende do material, ressalvas feitas aos materiais não adequados à construção. É verdade que a propriedade de tensão da estrutura material é também necessariamente um critério de classificação para o sistema e duração da estrutura, mas o comportamento mecânico, sua compreensão, assim como a sua aplicação no projeto, não depende do material. A estrutura, portanto, faz funcionar totalmente

juntas as três operações subsequentes: recepção da carga; transmissão da carga; descarga. Este processo é chamado Fluxo de Forças. É a imagem conceitual básica para projeto de uma estrutura, sua ideia básica. Como trilha de força, é também o modelo para a economia da estrutura. (ENGEL, 2001)

Atualmente é muito usado este tipo de alvenaria por motivos econômicos, recomendável principalmente para indústrias, depósitos etc. Nas construções habituais utilizar somente blocos de qualidade, com espessura de parede suficiente para uma boa proteção contra umidade, temperatura e ruído, evitando juntas de argamassa escassa e irregulares. A leveza dos materiais permite que os blocos e painéis de concreto celular sejam maiores dos que usualmente são aplicados nas obras. Como resultado tem-se a redução dos tempos para execução das alvenarias, com a vantagem de o material ser de menor absorção de água comparada a outros tipos de elementos de alvenaria. (RIPPER 1995)

A arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto, o que abrange o seu conforto térmico. O homem tem melhores condições de vida e de saúde quando seu organismo pode funcionar sem ser submetido à fadiga ou estresse, inclusive térmico. A arquitetura, como uma de suas funções, deve oferecer condições térmicas compatíveis ao conforto térmico humano no interior dos edifícios sejam quais forem as condições climáticas externas. As principais variáveis climáticas de conforto térmico são temperatura, umidade e velocidade do ar e radiação solar incidente. Guardam estreitas relações com regime de chuvas, vegetação, permeabilidade do solo, águas superficiais e subterrâneas, topografia, entre outras características locais que podem ser alteradas pela presença humana. Para efeito arquitetura, os dados climáticos mais significativos são os relativos às variações, diárias e anuais, da temperatura do ar e os índices médios de umidade relativa e precipitações atmosféricas e, quando disponível, a quantidade de radiação solar. (SCHIFFER, 2003)

Se os arquitetos e os engenheiros tivessem mais conhecimento sobre a eficiência energética na arquitetura, ao nível do projeto ou da especificação de materiais e equipamento, estes valores poderiam ser reduzidos. Além de evitar a necessidade de maior produção de eletricidade no país, isto retornaria em benefício dos usuários como economia nos custos da obra e no consumo de energia. A forma arquitetônica pode ter grande influência no conforto ambiental em uma edificação e no seu consumo de energia, visto que interfere diretamente sobre os fluxos de ar no interior e no exterior e, também, na quantidade de luz e calor solar recebidos pelo edifício. A luz natural, além de ser uma variável ambiental, pode ser enfocada como elemento de projeto. Seu caráter simbólico, por exemplo, foi explorado com maestria

nas catedrais no período gótico, onde a luz representava a própria divindade (LAMBERTS, 2004)

A diferenciação entre inclusão e integração impõe-se quando do desenvolvimento de projetos de arquitetura e design, na medida em que é preciso encontrar soluções a fim de atender às necessidades específicas de alguns tipos de deficiência, como construção de banheiros com dimensões maiores do que as dos demais, instalação de barras de apoio e transferência, e etc. A arquitetura e o design inclusivos têm como ponto de partida os dados antropométricos. Ter a compreensão das medidas das várias partes do corpo humano possibilita o cálculo da área necessária para o alcance e a possibilidade de manipulação, uso ou acionamento e entendimento de um objeto, levando em consideração a ergonomia cognitiva desse objeto. Quanto mais os projetos forem pensados para atender, conjuntamente, às necessidades funcionais do maior número possível de pessoas, mais a arquitetura e o design inclusivos serão praticados (CAMBIAGHI, 2007)

Segundo Cambiaghi (2007), o conceito de qualidade total adotado em algumas empresas procura incluir a possibilidade de acesso e utilização dos seus ambientes e produtos a clientes e consumidores com deficiência ou com a mobilidade reduzida. Com base na análise das dificuldades do ser humano em sua relação com os ambientes, foram revistos parâmetros antropométricos e introduzidos os conceitos de áreas de circulação, transferência, aproximação, entre outros. Houve uma análise de edificações, espaços, mobiliário e materiais de acabamento para aplicação desses conceitos.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO:

Este capítulo aborda como a arquitetura pode vir a ser utilizada promovendo a qualidade vida, terapia e autonomia na terceira idade.

3.1 ARQUITETURA COMO TERAPIA

Vem sendo sugerido que a arquitetura pode fornecer “recursos terapêuticos” para promover o bem-estar e a funcionalidade para os idosos (DAY; CARREON; STUMP, 2000). As conexões com a natureza, o exercício físico, a interação social e os elementos multissensoriais podem atuar reduzindo a agitação e proporcionando um ambiente calmo,

além de ser uma fonte abundante de estimulação multissensorial (HERNANDEZ, 2007; GIBSON et al., 2008).

Rainey, emérito arquiteto de paisagem, classifica três modos de relacionamento entre arquitetura e paisagem sob os termos: contraste, fusão e reciprocidade. Preocupado com uma arquitetura voltada para o idoso, o arquiteto ressalta que é de suma importância que a proposta seja acolhedora e não ameaçadora. Portanto, a proposta arquitetônica seria mais adequada aos modos de fusão ou reciprocidade, ao mesmo tempo que se pondera o contraste para fazer distinções claras para seus ocupantes (RAINEY, 1988).

Segundo Gibson et al. (2008), o fornecimento de múltiplos pontos para o acesso à luz solar pode permitir que os residentes se orientem de acordo com a hora do dia e a estação do ano, simplesmente através do entendimento do ângulo do sol. Knowles (2006), igualmente apoia uma arquitetura que extrai do ritmo da natureza o um fornecedor do ritual.

Outra maneira de aumentar a interação, é através do método multissensorial. Isso proporciona um ambiente que estimula todos os sentidos, a fim de colocar "menos exigências sobre suas habilidades intelectuais, mas capitalizar suas habilidades senso motoras residuais" (CHUNG et al., 2002). Embora a eficácia deste método ainda esteja para ser validada, ela está intimamente alinhada com os pensamentos de Pallasmaa, sobre a experiência multissensorial da arquitetura. De acordo com Pallasmaa, "as qualidades do espaço, a matéria e a escala são medidas igualmente pelo olho, ouvido, nariz, pele, língua, esqueleto e músculo". Superfícies táteis, qualidades materiais e elementos de transição podem desencadear o engajamento entre os residentes e proporcionar um ambiente terapêutico (PALLASMAA, 2013).

A atividade física, por sua vez, tem demonstrado melhorar significativamente e substancialmente a capacidade cognitiva dos idosos, devido à melhoria dos fatores cardiovasculares e por estimulação emocional. Diante disso, o ambiente construído deve incentivar a atividade física, criando locais orientados para que diversas atividades possam ser realizadas, desde o simples caminhar ou passear. Idosos ativos possuem maior nível de autoconfiança e interação social, sentimentos de autoestima, esperança e prazer (GIBSON et al., 2008).

3.2 ARQUITETURA PARA AUTONOMIA

Os idosos em sua grande maioria são fisicamente ativos e frequentemente mencionam o desejo de ter uma vida normal (BEATTIE et al., 2004). No entanto, a progressão do envelhecimento pode inerentemente reduzir a autonomia dos idosos. Segundo Peters (2014), a autonomia pode ser mantida levando-se em consideração uma arquitetura de alta qualidade, que contemple o design, a acessibilidade, a privacidade e a segurança.

Conforme Chafetz e Namazi (2003), Smith, Mathews e Gresham (2010) e Zeisel et al. (2013), projetos compreensíveis e orientados, levam a um maior nível de independência e a uma redução na agitação, agressão e problemas psicóticos, situações relativamente comuns na velhice.

Um projeto arquitetônico adequado pode desmistificar o olhar sobre os tradicionais asilos e ainda promover a inclusão social. Nesse sentido, arquitetos dinamarqueses têm se concentrado em projetar espaços domésticos que resgatem o mais próximo possível da identidade dos usuários e de sua residência anterior, vislumbrando que cada residente se identifique com o novo lar e se sinta parte deste espaço, para que assim seja quebrado os preconceitos do estereótipo lar de idosos (PETERS, 2014).

Passini et al. (2000) destaca alguns recursos que podem ser utilizados para promover autonomia no espaço construído, como por exemplo: pontos de referência e lugares claros, ambientes arquitetônicos distintos, acesso visual direto a áreas comuns, circulação simples com corredores amplos e ambientes de pequena escala. Em contrapartida, os recursos a serem evitados, incluem: muitos pontos de saída, elementos repetitivos e elevadores (MARQUARDT et al. 2011).

Recursos ambientais também podem auxiliar na promoção da autonomia. Namazi, Rosner e Rechlin (1991), identificaram que placas de sinais (pictogramas) ajudam a localizar serviços como banheiros e a utilização de cores vívidas ajuda a melhorar a memória de curto prazo e a capacidade funcional. Além disso, pisos fortemente contrastados devem ser evitados, visto que estes são frequentemente percebidos como uma mudança de profundidade (PASSINI et al., 2000). Os recursos apontados influenciam diretamente a capacidade de controle sobre situações ou eventos (ROTH; COHEN, 1986).

A segurança também é uma questão importante para os idosos. Dentre as medidas de segurança usualmente utilizadas, destacam-se aquelas que exploram os déficits cognitivos dos moradores, através do uso de espelhos nas portas de saída, fazendo com que o residente assuma que um estranho está se aproximando (MAYER; DARBY, 1991), ou grades de fita preta no chão diante das portas, causando a evitação relacionada à confusão por profundidade

(HEWAWASAM, 1996). Esses métodos discretos impedem a agitação e a frustração associadas à prisão, e promovem um senso de autonomia aos idosos (FLEMING, CROOKES; SUM, 2008).

4.0 ESTUDO DE CASO

Esta obra exemplifica todos os pontos já citados anteriormente, demonstrando como uma arquitetura humanizadora e inclusiva pode promover a qualidade de vida e a autonomia na terceira idade, servindo de base para fundamentar o presente trabalho.

4.1 De Hogeweyk, Holanda - A "Vila Da Demência"

Na cidade de Weesp, periferia de Amsterdam, pode ser encontrada a "Vila da demência" de De Hogeweyk, única no mundo. As raízes da vila originaram-se de um centro de cuidados de longa duração mais tradicional, quando vários dos principais funcionários sentaram-se um dia em 1993 para discutir as deficiências do atual modelo de cuidados. A pergunta que eles fizeram foi: "Este é um lugar que eu gostaria de trazer meus pais?" A resposta foi não. As ideias que emergiram naquela época foram para se esforçar para torná-lo "uma vida normal, como de costume". A Vila De Hogeweyk (figura 1) foi concluída em 2009 e desde então é uma instituição financiada pelo governo holandês.

Figura 1 - Fachada frontal do De Hogeweyk.



Fonte: REIS, 2014.

Os 152 residentes, todos que têm a demência severa, vivem em 23 casas pequenas, cada um com seis a sete quartos, dois banheiros, e uma cozinha. Os organizadores descobriram que

as pessoas se sentem mais seguras em estar juntos durante o dia, então os quartos foram intencionalmente menores. Um aspecto único de De Hogeweyk é o objetivo de abrigar moradores com características semelhantes nessas pequenas casas.

Os organizadores empregaram uma empresa para ajudá-los a identificar esses grupos de estilo de vida, com base em uma base de dados holandesa que refletia a população nacional. Esta abordagem vai além da demografia e diferencia entre sete escolhas de estilo de vida que podem ser mais ou menos traduzidas como:

- "Homey": vida simples, foco em casa e família;
- Cristão: a religião é uma parte importante da vida, pode afetar as escolhas de estilo de vida;
- Artesão: tradicional, trabalhador, levanta e dorme cedo;
- Artes e cultura: viajantes internacionais, design de interiores colorido, para moradores mais aventureiros;

Nas escolhas alimentares:

- Aristocracia: formal, design clássico, acostumado a ter criados;
- Indonésio / Colonial: interessado na natureza, espiritualidade, comida indonésia;
- Urbano: extrovertido, informal;

Este projeto destina-se a tornar a vida o mais normal possível. As pessoas têm opções para viver entre aqueles com quem têm algo em comum, e com o tipo de decoração que parece familiar e está alinhada com seus gostos pessoais. Além disso, De Hogeweyk tem restaurantes, jardins, uma mercearia, pub, teatro e salão de cabeleireiro, todos os elementos essenciais encontrados em uma vila. Os moradores veem-se no que parece ser um ambiente familiar e normal, reduzindo assim a sua ansiedade e medo (Archer, 2012).

Metade da vila é espaço aberto. Os residentes podem andar livremente por toda a comunidade sem perigo de deixar as instalações. Os motivos são propositalmente orquestrados para que haja algo interessante para ver em torno de cada curva do caminho. Os organizadores de De Hogeweyk acreditam que a interação social, ar fresco, luz solar e exercício são todos benéficos para aqueles com demência. Os 120 voluntários e 240 funcionários (170 a tempo integral) vestem roupas comuns e são especificamente treinados para trabalhar com indivíduos com demência. Com sua ajuda, os residentes podem viver suas vidas o mais normalmente possível e em segurança, até mesmo os 30% dos residentes que são principalmente acamados (Hurley, 2012).

A arquitetura de Hogewey suporta a vida cotidiana. Promove a atividade, o acoplamento e as conversações em um ambiente que seja seguro. Parece normal. No entanto, os ambientes físico e social são cuidadosamente pensados e desenvolvidos para atingir este efeito.

Cada residente, apoiado por sua família, completa um questionário que é projetado para extrair seus valores culturais, crenças e normas. Eles então vivem com outros que são identificados como tendo um estilo de vida semelhante, caracterizado mais pela sua visão do mundo do que por fatores superficiais, como se preferem abajures ou lustres. Cada casa ou apartamento é construído, decorado e mobilhado para refletir o estilo de vida anterior dos moradores. Funcionários e moradores interagem neste ambiente, reforçando assim o sentido de si mesmo em um contexto aparentemente natural.

Há sete estilos de vida que refletem elementos da sociedade holandesa: cultural, urbano, caseiro, indonésio, espiritual, rústico e classe alta. Cada casa é diferente. Os quartos foram institucionalizados em aparência com apenas alguns itens pessoais e banheiros grandes e clínicos, demonstrando o valor dado à vida em grupo e lembrando-nos das necessidades de cuidados pessoais dos moradores.

A atmosfera em cada casa também é diferente. Cada casa existe independentemente e funciona como uma unidade, assim que a comida é trazida do supermercado local e as refeições são preparadas em casa. Alternativamente, os moradores podem comer fora no café ou restaurante. A família pode se juntar a eles como o restaurante está aberto ao público.

A escolha é importante, e o estilo de vida das pessoas reflete seus hábitos anteriores. As duas casas indonésias estão localizadas nas extremidades distantes da vila para que este grupo possa desfrutar do passeio para visitar uns aos outros. A ideia de adesão é importante em Hogewey, uma vez que cria um sentimento de "estar no lugar certo".

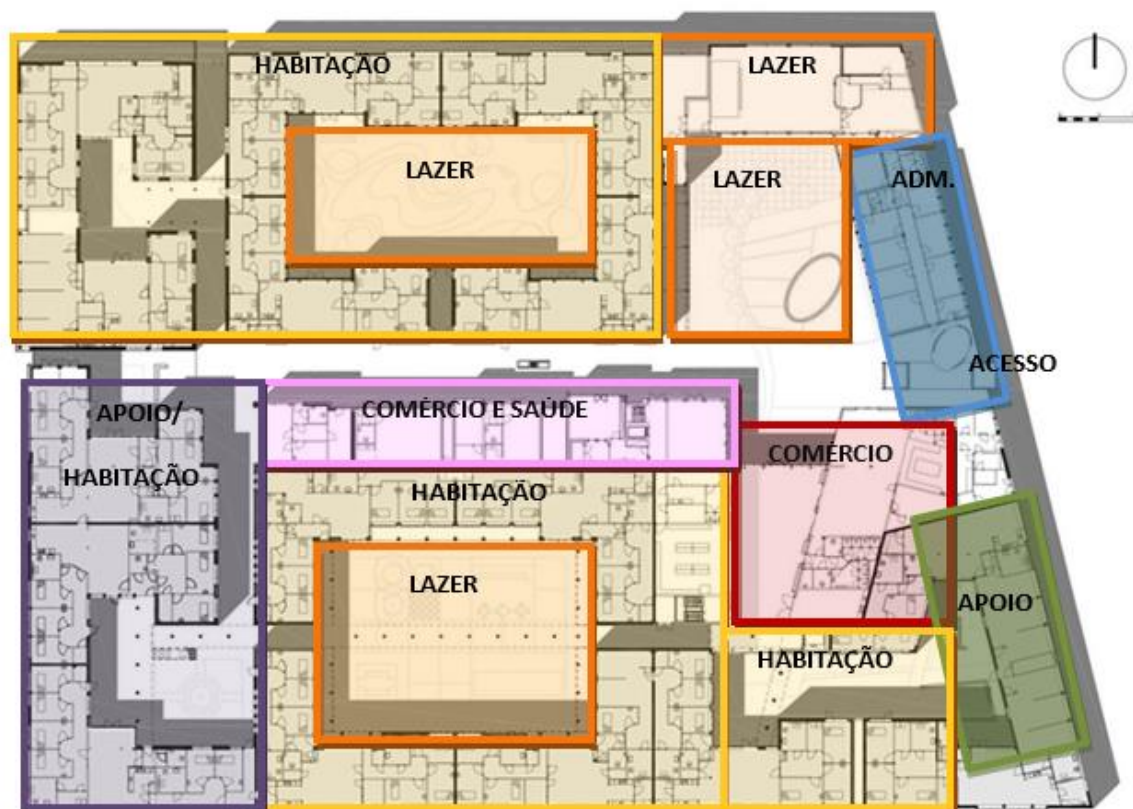
Fora de cada casa as pessoas têm sua própria área de estar e jardim. Grupos sociais que refletem os interesses dos moradores são oferecidos, de modo que as pessoas são incentivadas a se movimentar pelas diferentes partes da vila para participar de tudo o que está acontecendo ou para participar de vários clubes e atividades. Um grande grupo de voluntários bem apoiados trabalha ao lado de pessoal qualificado para apoiar essas atividades sociais. Através de relacionamentos e atividades, os moradores são capacitados a viver suas vidas como desejarem, reforçando suas identidades individuais e sociais.

A vila, que ocupa todo o quarteirão, foi implantada em blocos de apartamentos, comércio e espaços para lazer conectados por vias internas (figura 2). Logo após a entrada/recepção é possível encontrar uma praça principal, à direita o teatro e à esquerda o

bloco comercial, onde estão localizados o supermercado, café, salão de festas e restaurante (figuras 3 e 4). Na via principal, estão o salão de beleza, as clínicas médicas e de fisioterapia (figura 5).

Embora se trate de um grande empreendimento, é importante notar que foi subdividido em setores menores de habitação, os quais se concentram em torno de pequenas praças, a fim de criar referências mais “fixas” para os usuários, que se adaptam melhor a esta escala.

Figura 2 - Planta baixa da vila De Hogeweyk.



Fonte: www.detail-online.com/architecture/topics/dementia-village-de-hogeweyk-in-weesp-019624.html

Fonte: www.detail-online.com/architecture/topics/dementia-village-de-hogeweyk-in-weesp-019624.html

Foi observado que os idosos passavam muito tempo sentados ao ar livre, um espaço importante para a qualidade de vida deles e que necessitaria de atenção especial no projeto. As áreas livres foram projetadas pelo arquiteto paisagista Niek Roozen para incentivar o convívio entre as pessoas. Cada jardim remete a uma atmosfera diferente para estimular o uso em atividades diversas (figuras 6, 7, 8 e 9).

Figura 3 - Teatro.



Fonte: REIS, 2014.

Figura 4 - Supermercado.



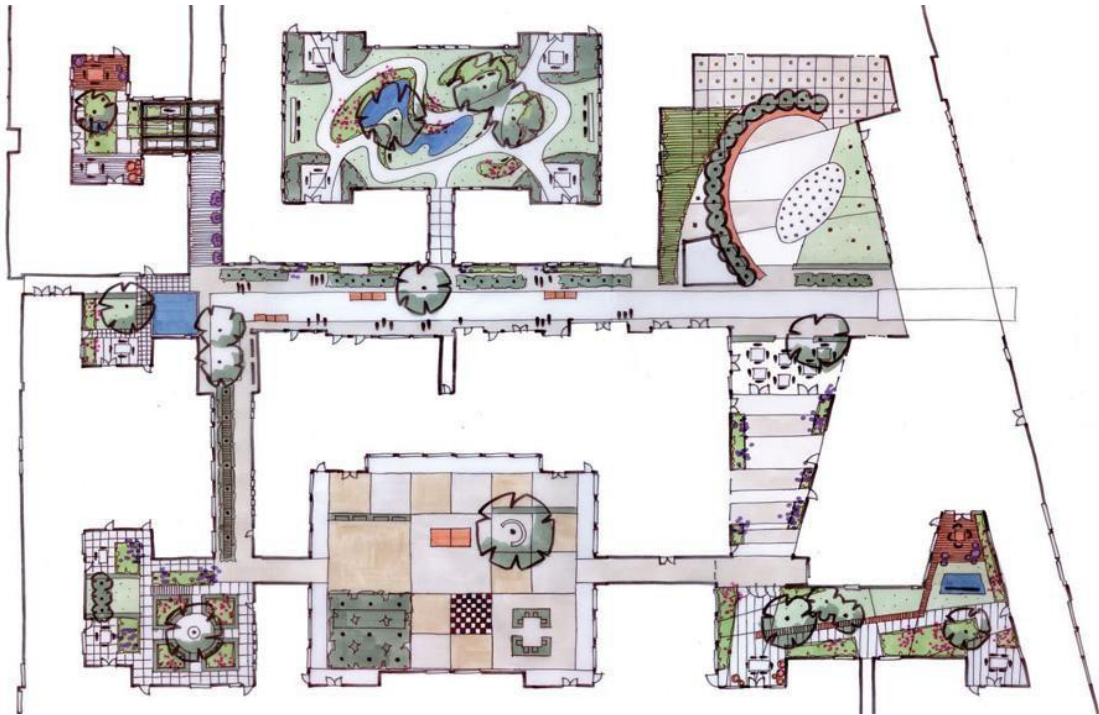
Fonte: <http://gizmodo.uol.com.br/vila-pacientes- demencia/>

Figura 5 - Clínica de fisioterapia e salão de beleza.



Fonte: REIS, 2014.

Figura 6 - Paisagismo.



Fonte: www.niekroozen.com/en/project/Nursing-Home-De-Hogeweyk/

Figura 7 - Vegetação



Fonte: www.niekroozen.com/en/project/Nursing-Home-De-Hogeweyk/

O mobiliário das áreas de convivência possui cores fortes, como uma forma de chamar a atenção e tentar estimular o uso (figuras 10 e 11).

Figura 8 - Tabuleiro de xadrez.



Fonte: REIS, 2014.

Figura 9 - Fonte da praça principal.



Fonte: REIS, 2014.

Figura 10 - Mobiliário.



Fonte: REIS, 2014.

Figura 11 - Mobiliário da praça central.



Fonte: REIS, 2014.

Todo o ambiente foi construído de forma a ser reconhecido como "normal" pelo idoso, fazendo com que ele se sinta mais confortável. Dentro da vila os moradores têm a liberdade e segurança de ir e vir como quiserem, já que só é permitida a entrada a pé ou de bicicleta. Existe somente um acesso, pelo saguão, onde a recepcionista pode controlar o fluxo de pessoas, sejam elas residentes, funcionários ou visitantes (figuras 12, 13 e 14).

Figura 12 - Saguão de acesso.



Figura 13 - Recepção.

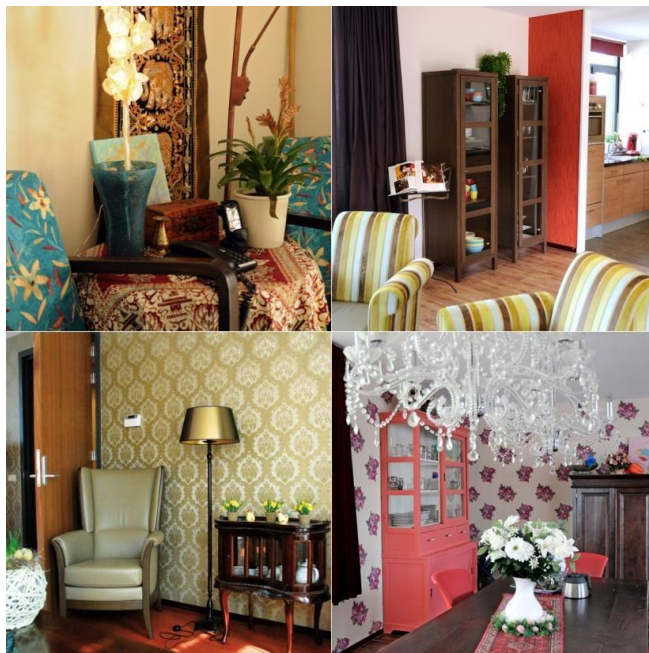


Figura 14 - Via interna principal.



Fonte: REIS, 2014.

Os projetos de interiores das casas ajustam-se aos mais diversos estilos de vida (figura 15). São sete propostas: urbano, cristão, classe alta, caseiro, indonésio, cultural e rústico, escolhidos de acordo com o estilo de vida que o idoso levava anteriormente. As residências são ocupadas por uma média de seis moradores, que possuem quartos individuais ou duplos e dividem as áreas sociais.

Figura 15 - Diferentes estilos de moradia.

Fonte: <http://gizmodo.uol.com.br/vila-pacientes-demencia/>

As áreas comuns (comércio e lazer) estão dispostas no pavimento térreo, enquanto os apartamentos estão distribuídos entre o térreo e o primeiro pavimento. A circulação vertical é feita por um elevador que funciona por sensor de presença. Há, ainda, uma escada não disponibilizada aos idosos (franqueada aos funcionários). Horizontalmente existem largas circulações livres de obstáculos e de diferenças de nível, garantindo a acessibilidade. Na parte superior existe uma passarela (figura 16) que serve como circulação e para apreciação da vista.

Figura 16 - Vista da passarela.

Fonte: <http://www.tagesschau.de/ausland/demenzdorf100.html>

Pessoas com mesmo estilo de vida compartilham casas, e em cada rua são mesclados diferentes estilos de vida, visto que, no projeto, o convívio e a troca entre os vizinhos são importantes para a socialização.

Na entrada de cada casa existe uma campainha, o que facilita a privacidade e remete às casas comuns da cidade, onde moravam. As casas possuem 16 variações de desenhos, porém a configuração base é a entrada por uma sala de estar, que possui um banheiro social e que pode ser integrada à cozinha, cuja localização e o tamanho variam de acordo com o estilo de vida da casa (na casa de estilo "Indonésia" as cozinhas são maiores para que todos possam participar das atividades que ali se desenvolvem, em outras há cozinha americana ou, ainda, tradicional).

Após a sala estão os corredores, geralmente dois, que conectam três ou quatro quartos. Existe, ainda, um modelo que possui apenas um corredor que conecta a sala aos seis ou sete quartos da casa. Para cada três quartos existe um banheiro de uso compartilhado, o que é justificado pela administração pelo fato do idoso com Alzheimer já não utilizar o banheiro de modo independente.

5 CORRELATOS

Este capítulo visa fornecer informações sobre os aspectos funcionais, formais e técnicos necessários para a adequada compreensão deste tipo de edificação.

5.1 LAR DE IDOSOS - LARGO DA IGREJA, PERAFITA, PORTUGAL

5.1.1 Aspecto conceitual

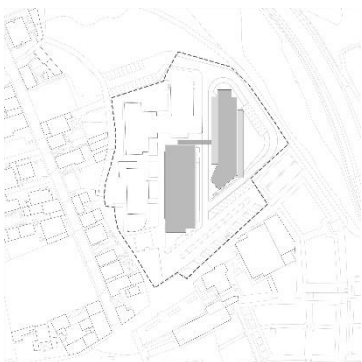
Tendo em mente que a integração é um dos conceitos chave da atualidade e que crescem as solicitações aos arquitetos de respostas inovadoras para a integração dos requisitos mínimos de acessibilidades em todos os espaços do dia-a-dia, pretende-se neste edifício responder a estas questões, simultaneamente otimizando os espaços, tendo também em consideração a exequibilidade orçamental e criando soluções com idêntica qualidade estética de espaços não acessíveis.

Figura 17 – Entrada Dormitório

Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767045/lar-de-idosos-em-perafita-grupo-iperforma?ad_medium=widget&ad_name=category-asylum-article-show

5.1.2 Aspecto funcional

Constituído por dois edifícios interligados ao nível do piso superior através de um corpo metálico e envidraçado, o projeto foi pensado de forma a propiciar uma correta distribuição de funções ao longo dos diferentes pisos, estabelecendo uma independência de circuitos entre funcionários de apoio a diversos serviços, e entre utentes, visitantes e técnicos administrativos.

Figura 18– Implantação**Figura 19 - Perspectiva**

Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767045/lar-de-idosos-em-perafita-grupo-iperforma?ad_medium=widget&ad_name=category-asylum-article-show

5.1.3 Aspecto ambiental

Procurou-se que os espaços se aproximassem ao máximo do ambiente residencial – dentro das restrições impostas pela legislação específica – proporcionando ainda áreas diversas, tanto interiores como exteriores, com localizações e características distintas, que

estimulam estadias com o desenvolvimento de várias atividades e permitem ao mesmo tempo a tomada de opções individuais.

A seleção das cores recai numa distinção fundamental – espaços de passagem ou de curta estadia e espaços de maior permanência, ou seja, corredores e sanitários versus quartos e salas. Assim, para os espaços de passagem criaram-se ambientes dinâmicos, ritmados por cores, com marcação de volumes e grafismos angulares nos pavimentos, tetos e iluminação. Para os espaços de maior permanência foi dada preponderância à ortogonalidade e cores neutras, com apontamentos cromáticos que estabelecem uma continuidade entre os dois tipos de ambientes.

Figura 20 – Circulação



Figura 21 – Espaço de Passagem.



Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767045/lar-de-idosos-em-perafita-grupo-iperforma?ad_medium=widget&ad_name=category-asylum-article-show

6 DIRETRIZES PROJETUAIS

Neste capítulo será abordado os panoramas que envolvem o local da implantação como cidade, característica e diretrizes para o projeto.

6.1 CASCABEL

Cascavel é uma cidade jovem e promissora. Com seus 300 mil habitantes, consolidou a posição de pólo econômico regional e epicentro do Mercosul. A cidade destaca-se como pólo universitário, com mais de 21 mil estudantes de ensino superior em sete instituições de ensino. É também referência na medicina e na prestação de serviços. Seu comércio e grande infraestrutura industrial e de serviços demonstram toda a grandiosidade tecnológica da cidade. As forças que tornaram Cascavel um pólo regional também estão ligadas ao agronegócio, desde a presença de culturas agroindustriais, passando pela comercialização, até o desenvolvimento da oferta de serviços cada vez mais especializados. Somente no setor de avicultura, um dos mais expressivos da região, mais de 2 milhões de aves são abatidas diariamente.

Figura 22 – Mapa do Paraná



Fonte: http://forumdedancadecuritiba.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html modificado pelo autor.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DO TERRENO

O terreno que foi escolhido para implantação do Centro de Especialização, fica na região norte do município e está localizado no Bairro Cancelli em Cascavel – PR. O principal ponto para a escolha do terreno foi a de que ele fosse próximo ao anel binário de entrada da cidade, para que os todos os usuários pudessem chegar a ao centro de especialização com maior facilidade. O local, conta com toda infraestrutura básica, asfalto em bom estado e também tranquilidade, devido a área verde, e não ter áreas residenciais e comerciais tão próximo ao terreno e deste não apresentar nível de ruído alto.

Figura 23: Imagem de Satélite, com destaque para o terreno.



Fonte: <http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br:10080/geo-view/faces/sistema/geo.xhtml>.2017

Coeficiente de aproveitamento: 3

Taxa de ocupação: 60%

Taxa de permeabilidade: 30%

Recuo frontal: h/6 medido desde o centro da calha da rua

6.3 IMPLANTAÇÃO

A implantação da edificação no terreno, partiu através de estudos da insolação no terreno, onde a está a face leste do terreno que confronta com a Rua Jorge Lacerda, assim aproveitando o norte para implantação do pomar e demais áreas externas.

Os setores de administração, lazer, visitantes, funcionários, serviços e área médica foram posicionados em um único pavimento, para facilitar o acesso e locomoção dos residentes, visto que alguns podem necessitar do uso de cadeira de rodas. Para ficarem mais restritos, os dormitórios foram propostos em blocos separados no lado oeste do terreno, pois o terreno conta com uma área verde ao fundo além de ter uma sanga que passa em meio a essa área verde.

Todos os acessos serão feitos pela Rua Jorge Lacerda, pois é a única permite acesso ao terreno. Os demais acessos serão feitos pelas laterais do terreno através de uma pavimentação restrito a eles.

6.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES

ADMINISTRATIVO	SETOR SOCIAL	SETOR SERVIÇOS E ESPAÇOS ABERTOS
Recepção	Refeitório	
Copa/Depósito material	Biblioteca e Sala de Leitura	Cozinha
limpeza	Sala de Computação	Pista Caminhada
Secretaria e Sala de	Bazares/Expositores	Horta
Administração	Ateliers	Sala de Jardinagem
Sanitários: Masculino e	Sala de Jogos	Depósito de Lixo
Feminino	Sala de Música	Depósito de Limpeza
	Salão Multiuso	Despensa
	Auditório	Área de Serviço
	Academia	Estacionamento
	Piscina	Jardim
	Vestiário/Banheiros	
	Masculino e Feminino	

SETOR MÉDICO E AMBULATORIAL	SETOR FUNCIONÁRIOS	SETOR RESIDENCIAL
Assistência	Sala	Sala
Social/Terapia	Descanso	Copa
Ocupacional	Vestiário	Quarto
Sala de Consulta	Dormitório	Banho
Sala Médica		Área de Serviço
Atendimento Geral (Geriatría, Fonoaudiologia, Nutricionista)		Despensa

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço da tecnologia e do conhecimento tem permitido um considerável acréscimo da longevidade.

A arquitetura, por sua vez, vem para criar e/ou reestruturar espaços para se adequar às condições desta população, promovendo o bem-estar, a segurança e a qualidade de vida na terceira idade. Dessa forma, constitui-se função social do arquiteto entender a abrangência do tema e contemplar adequadas características funcionais em projetos de centros geriátricos.

Através da revisão bibliográfica, estudo de caso e correlatos foram levantados diversos aspectos relevantes que devem ser contemplados em projetos geriátricos, especialmente levando em consideração a socialização, o tratamento humanizado, a acessibilidade, a segurança, conforto e bem-estar.

Acredita-se que a criação de um centro geriátrico nestes moldes irá refletir significativamente sobre a melhora na condição de vida desta faixa etária da população, promovendo um envelhecimento digno e saudável.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens: Guia De Trabalho Em Arquitetura Paisagística**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier: Uma Análise da Forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BEATTIE, Angela, et al. How Can They Tell? a Qualitative Study of the Views of Younger People About Their Dementia and Dementia Care Services. **Health & social care in the community**, v. 12, n. 4, p. 359-68, 2004.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo. 2005.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal, Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas**. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

CHAFETZ, P; NAMAZI, K. **Structuring Environments for Persons with Cognitive Impairment. The Dementias. Diagnosis, Treatment, and Research**. Eds. Weiner, M and A Lipton. Washington DC: American Psychiatric Publishing, p. 405-432, 2003.

CHAIMOWICZ, Flávio. A saúde dos idosos brasileiros as vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. **Revista de Saúde Pública**, vol. 31, n. 2, p. 184-200, 1997.

CHAIMOWICZ, Flávio. **Saúde do idoso**. 2. ed, Belo Horizonte: NESCON UFMG, 2013, 167 p.

CHING, Francis D K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHUNG, JC, et al. Snoezelen for Dementia. *Cochrane Database Syst Rev* 4 (2002).

COELHO NETO, J. T. **A Construção do Sentido na Arquitetura: Perspectiva**, 1999.

COLIN, Silvio. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

CORBELLA, O; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os Trópicos**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

CORBUIER, Le. **Urbanismo**, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Editora: edições 70, Lisboa, Portugal, 1983.

DAY, Kristen; CARREON, Daisy; STUMP, Cheryl. The Therapeutic Design of Environments for People with Dementia a Review of the Empirical Research. **The Gerontologist**, v. 40, n. 4, p. 397-416, 2000.

ENGEL, Heino. **Sistemas Estruturais**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

FLEMING, Richard; CROOKES, Patrick; SUM, Shima. **A Review of the Empirical Literature on the Design of Physical Environments for People with Dementia**. Australian Government, 2008.

GIBSON, Grant, et al. Housing and Connection to Nature for People with Dementia: Findings from the Independent Project. **Journal of Housing for the Elderly**, v. 21, n. 1-2, p. 55-72, 2007.

GRAZIA, D G. **Direito à Cidade e Meio Ambiente**. Coedição: Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Reforma Urbana, 1993.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais**. São Paulo: Senac 2004.

HERNANDEZ, Rebecca Ory. Effects of Therapeutic Gardens in Special Care Units for People with Dementia: Two Case Studies. **Journal of Housing for the Elderly**, v. 21, n. 1-2, p. 117-152, 2007.

HEWAWASAM, Lucksri. The Use of Two-Dimensional Grid Patterns to Limit Hazardous Ambulation in Elderly Patients with Alzheimer's Disease. **Nursing Times Research**, v. 1, n. 3, p. 217-227, 1996.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Paraná em números**, 2010. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1. Acesso em: 12 mar. 2017.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **71% dos municípios não têm instituições para idosos**, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8574. Acesso em: 11 mar. 2017.

KAUFMAN, Fani G. (Org.). **Novo velho: envelhecimento, olhares e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

KIEFFER, Flávio. LIMA, Raquel Rodrigues. MAGLIA, Viviane Villas Boas (orgs.). **Crítica na Arquitetura** – V encontro de teoria e história da arquitetura. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. Jun.2001. v 3. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

KNOWLES, Ralph. **Ritual House: Drawing on Nature's Rhythms for Architecture and Urban Design**. Island Press, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMAS, José M R G. **Morfologia urbana e desenho da cidade** 3.ed.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LAMBERTS, R; DUTRA, L; PEREIRA, R O F. **Eficiência Energética na Arquitetura** 2.ed. São Paulo: PRO Livro, 2004.

LOBO, Alexandrina de Jesus Serra; SANTOS, Luísa e GOMES, Sónia. Nível de dependência e qualidade de vida da população idosa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 67, n. 6, p. 913-919, 2014.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana**. Vozes, 2000.

MARQUARDT, Gesine. Wayfinding for People with Dementia: A Review of the Role of Architectural Design. **Health Environments Research & Design Journal (HERD)**, v. 4, n. 2, p. 75-90, 2011.

MAYER, Robert; DARBY, Stuart. Does a Mirror Deter Wandering in Demented Older People? **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 6, n. 8, p. 607-609, 1991.

NAMAZI, Kevan; ROSNER Tena Tarler; RECHLIN, Linda. Long-Term Memory Cuing to Reduce Visuo-Spatial Disorientation in Alzheimer's Disease Patients in a Special Care Unit. **American Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias**, v. 6, n. 6, p. 10-15, 1991.

NERI, Anita Liberalesso (Org). **Qualidade de vida e idade madura**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.

NERI, Anita Liberalesso (Org). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

PALLASMAA, Juhani. **The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses**. John Wiley & Sons, 2013.

PASSINI, Romedi et al. Wayfinding in a Nursing Home for Advanced Dementia of the Alzheimer's Type. **Environment and Behavior**, v. 32, n. 5, p. 684-710, 2000.

PETERS, Terri. Socially Inclusive Design in Denmark: The Maturing Landscape. **Architectural Design**, v. 84, n. 2, p. 46-53, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAINEY, Reuben M. **Architecture and Landscape: Three Modes of Relationship**. Places 4.4, 1988.

RIPPER, Ernesto. **Manual Prático de Materiais de Construção**. 1ª Edição, São Paulo. 1995.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. *Arquitetura Bioclimática do Espaço Público*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ROTH, Susan; COHEN, Lawrence. Approach, Avoidance, and Coping with Stress. **American Psychologist**, v. 41, n. 7, p. 813-819, 1986.

SCHIFFER. R S; FROTA, B A. **Manual de Conforto Térmico** 8.ed São Paulo: Câmara Brasileira do livro, 2003.

SMITH, Ronald, MATHEWS, Mark; GRESHAM, Meredith. Pre-and Postoccupancy Evaluation of New Dementia Care Cottages. **American journal of Alzheimer's disease and other dementias**, v. 25, n. 3, p. 265-275, 2010.

TIER, Cenir Gonçalves; FONTANA, Rosane Teresinha; SOARES, Narciso Vieira. Refletindo sobre idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 57, n. 3, p. 332-335, 2004.

ZEISEL, John et al. Environmental Correlates to Behavioral Health Outcomes in Alzheimer's Special Care Units. **The Gerontologist**, v. 43, n. 5, p. 697-711, 2003.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.